

# JOÃO TORDO



  
COMPANHIA DAS LETRAS

## CEM ANOS DE PERDÃO

THRILLER

## 7 de Abril, prisão de Brixton

O problema, aqui dentro, é que ninguém quer fazer-me.

Sou o mais velho de todos os prisioneiros da HMP Brixton — quase uma década mais velho do que Paul Dunce (o mais velho a seguir a mim), que, quando chegou, foi feito muitas vezes no chuveiro e na lavandaria, mas era de esperar; quase nos sessentas, Dunce continua a ser um tipo bem-parecido, de queixo quadrado e olhos azuis e doces, portanto, imagino como teria sido aos quarenta e dois, quando entrou no sistema prisional, condenado por homicídio qualificado.

Quando ninguém quer fazer-te numa prisão, és, como dizem os ingleses, *nobody's bitch*. Terra-de-ninguém. És demasiado velho para os Maricas, demasiado flácido para os Culturistas, demasiado inteligente para quase todos, incluindo os guardas. Um deles, chamado Qualls, veio pedir-me conselhos há pouco tempo; está a pensar em escrever umas coisas nos tempos livres, e queria saber o que devia ler, tendo em conta que eu sou o recluso mais culto de Brixton.

“Toma”, disse-lhe eu, e entreguei-lhe uma pilha de livros onde se incluía *Tess dos D’Ubervilles*, *O Retrato de Dorian Gray*, *A Cartuxa de Parma*, *O Adeus às Armas*, *A Morte de Ivan Ilitch* e, quase por graça, um livro do Stephen King chamado *Quatro Estações*.

“Gostei do King”, disse-me o guarda mais tarde, “aquela primeira história é do caraças, até imaginei que podia acontecer aqui.”

“Não vejo porque não”, respondi, e percebi então que Qualls, provavelmente, não vira o filme *Os Condenados de*

*Shawshank* — o que faria dele, talvez, a única pessoa no mundo que nunca vira esse filme —, ou teria identificado as personagens: Andy Dufresne, Red, o guarda Hadley.

“Ei, eu não tenho nada a ver com este Hadley, pois não, Brains?”

“Não te preocupes, Qualls.”

“Grande história”, repetiu, “até vou arranjar um *poster* da Rita Hayworth para ter em casa.”

*Brains.*

É a minha alcunha aqui dentro.

Ao que consta, sou mais cerebral do que os outros reclusos. Sou educado, sei coisas. Leio livros. Para além de mim, praticamente só Hank é que requisita exemplares à biblioteca — e Hank não é propriamente um tipo que goste de ler, o que lhe interessa é ter uma pilha de livros junto da cama, puro exibicionismo. Hank e eu tivemos o mesmo advogado, um asno com um metro e noventa a quem chamamos Anormal, que apareceu na esquadra da Polícia de Brighton & Hove, onde eu me encontrava preso, e prometeu representar-me até ao limite das suas capacidades — mesmo depois de eu lhe dizer que não queria representação e que as suas capacidades pareciam limitadíssimas, mas, aparentemente, no país de Sua Majestade, ter um *barrister* é importante, mesmo quando uma pessoa se declara culpada.

“Vou arranjar-lhe um acordo”, disse o Anormal, “querem enfiá-lo em Brighton — Categoria B —, mas eu consigo metê-lo em Brixton, categoria C: menos *scum*, menos problemas; se calhar, até lhe consigo uma comutação da pena daqui a uns anos, dependendo do seu comportamento.” Ergueu o olhar da papelada, estávamos num daqueles dias gelados de Fevereiro, que ninguém deseja viver. “Seja como for, você não me parece daqueles que se portam mal, bem pelo contrário.” Pousou

a caneta na mesa, assentou nela os cotovelos, e enquanto, atrás dele, um dos policiais da força de Sussex — aqueles chapéus axadrezados eram ridículos, tiravam-lhes toda a seriedade —, de polegares enfiados no cinto das calças, olhava para o relógio, o advogado perguntou:

“Porque é que você foi matar um defunto, hã?... Um tipo decrépito numa casa de repouso. Gota, varizes, praticamente sem conseguir sair da cama, a mijar e a cagar para dentro de um saquinho, e você veio de Portugal para o estrangular...”

Interrompi-o nesse momento.

“Já lhe disse que sou culpado, *solicitor*.”

“*Barrister*...”

“... torno a dizer que é escusado irmos a tribunal.”

“Não vamos a tribunal defendê-lo”, disse o Anormal, “vamos tentar que o tempo mínimo seja inferior ao tempo que tem de vida, para ver se ainda aproveita uns dias de sol lá no seu país antes de bater a bota. Ah, e mudá-lo para Brixton, claro.”

“E o que é que você ganha com isto?”

Ele abriu os braços, como se fosse um anjo protector.

“*Pro bono*, meu caro.”

Foi a minha vez de pousar os cotovelos na mesa, entrelaçando os dedos.

“Acha que eu sou estúpido?”

“O quê?”

“Estúpido. Eu.” Apontei para o meu rosto. “Posso não ser inglês, mas sei perfeitamente que os advogados, aqui *no seu país*, andam atrás de casos como o meu para conseguirem trabalhos de Legal Aid. Eu não lhe pago, mas paga-lhe a Coroa Inglesa.”

Foi a vez de ele puxar dos galões.

“Sabe aquele tipo que tem estado aqui consigo, o Baines?” Referia-se ao Hank. “Na cela ao lado da sua? Bom, ele também

não queria representação; declarou-se culpado de esventrar um porco ali para os lados de Falmer e, a seguir a isso, enfiar as entranhas do animal na boca da mulher durante a noite. Quis calá-la para sempre, e conseguiu.” Pegou na caneta, bateu com ela na mesa. “Já foi casado?”

“Há muitos anos.”

“É que isso eu não entendo, está a ver?”, argumentou o Anormal, recostando-se na cadeira, o fato demasiado largo para o corpo magro de fuinha, os dentes amarelados dos ingleses que beberam demasiado chá. “É normal que, de vez em quando, um gajo queira estrangular *the old ball and chain*, não há nada como uma mulher para foder a cabeça a um tipo... Agora, um velho à beira do colapso? Arriscar prisão perpétua por causa de uma carcaça?” O advogado pôs-se a rodar a caneta entre os dedos; acenou que não com a cabeça, fez um esgar de repúdio. “Não entendo, *my son*... Simplesmente, não entendo.”

Tanto eu como Hank apanhámos prisão perpétua. No meu caso, com possibilidade de comutação da pena ao cabo de quinze anos, e vinte anos no caso dele. A juíza classificou o homicídio que Hank cometera de «grotesco», igual a nada que ela algum dia tivesse ouvido em tribunal.

Até aparecer o caso de Max Loar, claro.

A maioria das pessoas daria um braço para não as fazerem na prisão. Mas, na verdade, é um erro de perspectiva. Porque equivale a um ritual de iniciação. És feito ou pelos Maricas, ou pelos Culturistas, ou pelos Cock’n’Eyes (o grupo dos criminosos do East End, nome bastante original), ou até por um dos guardas, e passas a ser parte da cultura vigente, integrado na tribo. Por aqui, garantem que só dói realmente da primeira vez,

por causa da resistência; a segunda ainda é sofrida, mas, a partir daí, torna-se um hábito. Poucos são violados mais de quatro ou cinco vezes; se há coisa que não falta na prisão é carne fresca.

O problema, quando não te fazem, é que passas imediatamente a segregado. Ninguém quer falar contigo; os reclusos baixam a voz quando passas por eles; ficas num patamar entre um preso e um guarda, alguém lá de fora que, por acaso, está cá dentro. Uma vez, encontrei Dunce enquanto decorria um jogo de futebol no pátio. Ele e eu não tínhamos sido convocados, éramos demasiado velhos para jogar. E Paul, sempre educado, disse-me: «Não leves isto a mal, Brains», antes de se afastar e ir para o outro lado do pátio ver o jogo. Não levei a mal, claro. Já sabia que a minha proximidade não era benéfica para um recluso da HMP Brixton.

Portanto, eu falava com Qualls, com Hank Baines — das pessoas mais burras que algum dia conheci, um idiota malvado, se é que tal é possível —, comigo próprio e com as paredes da cela.

Até que, um dia, Max Loar chegou à prisão. Um miúdo de vinte anos, magro e alto, alourado, proveniente de uma pequena ilha ao largo de Morte Point, no canal de Bristol. Não havia nada de especial nele, excepto o olhar, fazendo lembrar o de Joana d'Arc no filme de Dreyer — olhos azuis muito claros e sofridos, submersos num suplício prematuro, gestos calmos e muito lentos, a obediência silenciosa a todas as ordens dos guardas. Na primeira noite, foi colocado numa cela da ala G (para onde iam os «reclusos vulneráveis», isto é, os predadores sexuais) e, nunca tendo passado pela ala B — onde os recém-chegados dormiam na primeira noite, sob o auspício dos Older Offenders (ou os OO, como aqui são conhecidos) —, transitou logo para a ala D, a nossa ala, a mais comum. Ninguém parecia saber onde o colocar.

Durante aqueles dois anos, eu assistira a muitas *opening nights*, como eram conhecidas as ocasiões em que os reclusos mais notórios eram trazidos para Brixton. Desconheço-lhes os truques, mas a verdade é que os OO sabem de tudo antes de tudo acontecer. Vem aí o gajo que violou as duas irmãs; vem aí o *bloke* que assaltou o banco com uma arma de plástico; vem aí o sobrinho do Terry Adams, do gangue de Clerkenwell; vem aí o idiota que enfiou os intestinos do porco na boca da mulher. O que acontecia era que um guarda (quase sempre Mullins, uma besta com olhos) trazia o prisioneiro da ala G ou D e atravessavam o pátio interior da prisão, o patamar de três andares de celas separados por tectos gradeados e escadarias de ferro onde tudo ressoava; as portas davam todas para a nave central e, tal como se vê nos filmes, o espectáculo é idêntico: centenas de reclusos (oitocentos, creio eu) a baterem com objectos no metal, berros — *bitch, fuckin' meat boy, dead man walkin', shower mary, fairy, bent, bloody poof, bugger* —, insultos de toda a espécie, ameaças destinadas a manter o recluso acordado na primeira noite, transido de medo, a subjugar-lo com facilidade às leis da terra.

No meu caso, quando subi ao segundo andar, já se tinham calado. A última coisa que ouvi foi: *Old as fuck, son*, num sotaque jamaicano. Fora uma semana de muitas chegadas, e a energia começava a faltar. Hank Baines, que chegou uns dias depois de mim, teve direito a gritos até depois de entrar na cela, e conta-se que, no seu tempo, Paul Dunce deixou os reclusos num tal estado de excitação, que alguns até se masturbaram para o corredor.

Com Max, ninguém se pronunciou. Talvez apenas Jack, um dos presos da ala A (que incluía os reclusos com transtornos de personalidade e ao abrigo da London Pathways Unit). Ninguém sabia o nome dele, chamavam-lhe «Jack» por causa

do Jack Nicholson no filme *The Shining*. Quando as pesadas botas de Mullins e os sapatos banais do novo recluso atravessaram a soleira da porta abaixo das escadas, Jack gritou qualquer coisa, mas um dos OO ordenou-lhe: *Shut up, cunt!*, e o tipo calou-se. Ainda que fosse completamente louco, o medo é universal.

Desde que Max chegou à HMP Brixton, vim a acreditar em três coisas. A primeira, que o advogado dele não foi o Anormal; a segunda, que a juíza certamente reconsideraria as nossas sentenças se tivesse julgado antes o caso de Max Loar; e a terceira, que nunca um rapaz com um aspecto tão cândido, e um físico tão pouco impressionante, aterrorizou uma população tão vasta de adultos cadastrados, maldosos e violentos.

No dia seguinte à chegada de Max, sentei-me para almoçar ao lado de Dunce (cheirava melhor do que todos os outros reclusos, e tinha maneiras à mesa) e Hank Baines. Levei uma garfada da comida nojenta à boca — nenhum dos meus saudosos cães se aproximaria daquela mistela! — e perguntei, quebrando o silêncio:

“O que é que aconteceu ontem à noite, chegou o papa?”

Dunce olhou-me, a colher de sopa parada no ar, a caminho da boca:

“Não sabes quem ele é, Brains?”

Fiz que não com a cabeça, a boca cheia de ervilhas que sabiam a óleo.

“É o rapaz da ilha”, adiantou-se Hank, que ainda não tocara na comida, é filho do Diabo.

Dunce olhou para Baines como se este já tivesse falado demais — era o costume — e aconselhou-o a baixar o tom de voz. Ri-me daquela idiotice; para coisas do demónio, já bastava aquele horroroso estufado.



“A minha mãe costumava dizer que é melhor andar prevenido do que ser apanhado com as cuecas na mão”, alertou Hank.

Ignorando-o, persisti:

“Mas o que é que ele fez, afinal?”

Baines mordeu um pedaço de pão e, inclinando-se para a frente, confessou, em voz baixa:

“Se acham que isto não é coisa do Diabo, então, *bloody hell...*”, travou um segundo para engolir o pão; um tipo que havia sufocado a mulher com intestinos de porco, subitamente pálido de terror: “... o rapaz, lá na ilha, o que ele fez ao irmão...”

E foi nesse momento que a cabeça de Hank Baines bateu com força no prato de comida. Um dos Culturistas empurrara-lhe a nuca com violência, o nariz começou logo a sangrar.

“*Fuck!*”, berrou, agarrando-se ao rosto com as duas mãos, o sangue a escorrer-lhe entre os dedos. Um dos OO acompanhava o brutamontes — um tipo de óculos e cabelo à escovinha, com quem eu me cruzara muitas vezes.

“Baines, Baines”, disse o OO, “és sempre o mesmo.” Agarrou-lhe o colarinho da camisola cinzenta, sujo de sangue. “Já sabes que aqui dentro não falamos de certas coisas, *my son*”, alertou, e passou-lhe a mão pela nuca, enquanto Hank agarrava o nariz. “*Meat boy*”, disse o Culturista, e piscou-lhe o olho, enquanto se afastavam.

Ao fundo do refeitório, Qualls, de polegares enfiados no cinto, assobiava para o lado.

O meu problema nunca foi o mesmo que o de Max Loar. No caso do rapaz, não se tratava de não o quererem fazer; teria sido uma presa fácil e apetecível se fosse um criminoso qualquer. Mas ele não era um criminoso qualquer. Provinha do lugar mais temido em toda a Inglaterra, uma ilha que suscitava o pior medo dos reclusos: a superstição. Podiam foder-se uns

aos outros, violar os recém-chegados, consumir drogas pesadas, andar à pancada — até matar-se; mas, dentro da HMP Brixton (e de todas as outras), ninguém se metia com o Diabo.

Menos eu, claro.

Sou *nobody's bitch*. Estou fora do circuito.

Isso levou-me a não ter qualquer informação sobre o miúdo antes de ele ter chegado. A não formar juízos nem tirar conclusões.

Foi Max Loar, aliás, quem veio apresentar-se.

# CEM ANOS DE PERDÃO

## UM THRILLER DE JOÃO TORDO

Depois de *ÁGUAS PASSADAS*, a dupla Pilar Benamor e Cícero Gusmão regressa para um novo mistério de matizes bizarros.

Na pequena e remota ilha de St Dismas, ao largo da Inglaterra, um crime violentíssimo entre irmãos choca a comunidade, trazendo à superfície o mal-estar entre os ilhéus e os Filhos de Dismas, uma seita religiosa que perdura há séculos. A Polícia local vê-se a braços com um caso que parece impossível de resolver, com a investigação travada pelo obscuro fanatismo dos crentes.

Max Loar, o homicida confesso, acaba na prisão de Brixton, enquanto ondas de choque repercutem na imprensa do Reino Unido perante a brutalidade do crime. É na cadeia que conhece Cícero, que está preso por homicídio. Apesar dos esforços de Cícero para compreender o rapaz, as coisas acabam mal. Pouco depois, recebe a visita de Pilar Benamor, a jovem ex-subcomissária da PSP que, desde a violenta resolução do caso Drexler em *ÁGUAS PASSADAS*, desapareceu do mundo. No reencontro com o velho amigo, Pilar recebe a resposta aos seus sonhos premonitórios e não resiste a mergulhar de cabeça na história dos irmãos Loar, rumando à ilha — um lugar enigmático, pleno de forças malignas.

«Poucos autores portugueses têm unhas para o *thriller*, e Tordo sai vencedor da experiência.» João Céu e Silva, *Diário de Notícias*

«*Águas passadas* é mais um excelente exemplo da capacidade do autor de criar enredos complexos, ambientes pictóricos e personagens reais.» Sofia Morais, *Deus Me Livro*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial



penguinlivros.pt



penguinlivros



companhiadasletrasportugal

ISBN 9789897847196



9 789897 847196 >